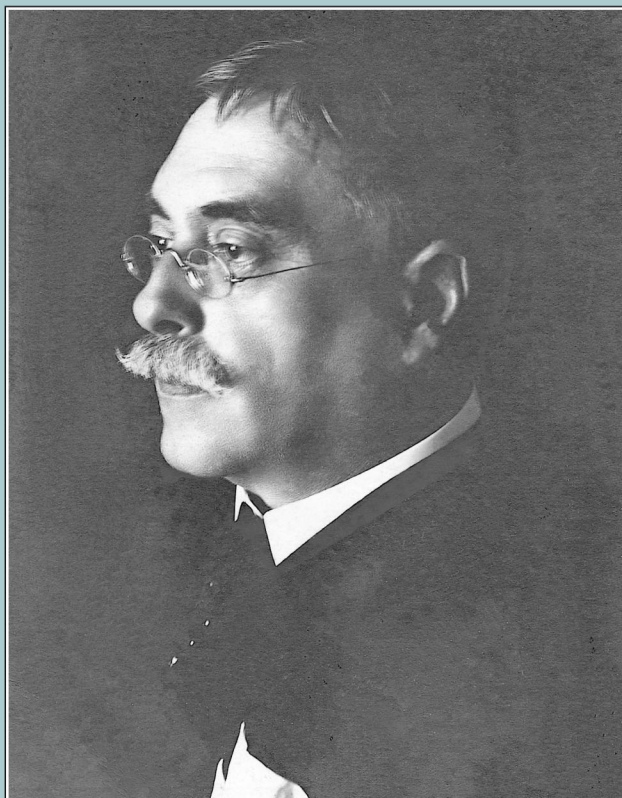


ALBERTO OSÓRIO DE CASTRO
OBRA POÉTICA

Vol. II



BIBLIOTECA DE **AUTORES**
PORTUGUESES



ALBERTO OSÓRIO DE CASTRO

OBRA POÉTICA

Organização de ANTÓNIO OSÓRIO

Vol. II

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2004

O SINAL DA SOMBRA

1.ª edição: Lisboa, 1923.

Demain je ne percevrai plus ni les couleurs ni le soleil, et déjà sans doute je commence par m'en désintéresser.

PIERRE LOTI.

I

OS FRISOS DO INTERCOLÚNIO
E AS FIGURINAS DE ARGILA

ETERNIDADE

Ao Sr. Dr. José Maria Rodrigues

Sob o *pschent* imperial o Faraó dormita.
Sonha, no vago sono impassível da pedra.
A voragem do dia um fogo triste agita.
Na flava solidão dos Areais nada medra.

E obscuramente o olhar do Faraó medita.
Espera! Já talvez a Flor de Lódão medra...
A chama devorante e trémula palpita.
Aguarda um dia mais o Faraó de pedra.

Mas um frio feral sopra dos Hipogeus.
Cai no abismo da Sombra o sol morto. Nos céus
Um ritual ilumina as leves cinzas mortas.

E cisma o Faraó... Pois dos seus já não vem,
Num cortejo de luz e lágrimas, ninguém!
Do lutuoso esplendor de Tebas-das-Cem-Portas!

Lahane, Maio de 1910

A ESFINGE

Ao Dr. José Leite de Vasconcelos

Num deserto doirado, ambígua esfinge, velas.
Há milénios que o olhar lapídeo enches de trevas.
Já mudaram de forma os signos das estrelas
Desde que sobre o areal tua máscara elevas.

Caíram à tua volta as estirpes longevas
Como as glumas que o vento espalha das gavelas,
E, vagamente humana, às Pirâmidesavas
Uma sombra, que faz mais triste a sombra delas.

Figura de magia encadeada ao rochedo,
Nem já sabes dizer o anseio funerário
Dos mortos de quem foste a guarda taciturna.

A guarda e o sortilégio eternamente quedo.
Já como eles não tens nem sonho nem fadário.
Faz-te como eles pó, dura larva nocturna.

Dili, Maio de 1910

A SÚPLICA DA MÚMIA

À memória de M^{me} B. de Courrière

Em Antínoe morri nova e linda. As Sereias
Invejariam, sei, meu colo de mulher.
Minha pele espirava o aroma de *hacopher*.
Meu cabelo enleava embruxadas cadeias.

Quem meus beijos provou não quisera morrer.
Quando eu passava engrinaldada de ninfeias
O desejo no olhar dos homens e em suas veias
Era uma flor eternamente a florescer.

E este ventre fendido e que te causa horror,
Viandante! já foi uma rosa de amor,
Mais rósea que o revoar de íbis róseos em bando.

Deixa esperar na sombra a minha múmia escura,
E hoje de mim só lembra esta viva pintura.
Meu olhar assim foi, inebriante e brando.

Lahane, Maio de 1910

O SORTILÉGIO DA OFICIANTE MORTA

À Sr.^a D. Maria O'Neill

Osíris do Poente! Osíris do Poente! Osíris do Poente! Sou a tua irmã Ísis. Ressuscita! Ressuscita! Ressuscita! Vem a mim!

Do ritual antinoíta dos mortos.

Senhora do País dos Aromas, Senhora
Dos dois Sistros, Hathor, Palma de renascença,
Deixai-me contemplar nesta treva tão densa
Vosso Espelho, que o suave sangue humano irrorra.

Deixai-me renascer tão linda como outrora.
Que fiz, Ísis! Hathor! Afrodite! Que ofensa
Vos fiz, que assim deixais na escuridão imensa
A vossa núbil, meiga e pálida Isidora!

No isíaco sendal adormeci, coroada
De pérseas, e era um dormir acordada,
Osíris! a sonhar com teus olhos divinos.

Por minha encantação, vive! Imagem de Antínoo,
Vive! e implora de Hathor para a minha alma doente
A frescura do vento aguião e da nascente!

Dili, Maio de 1910

A HIERÓDULA MENINA

Ao Visconde de Vila Moura

Ao mágico estridor dos sistros o cortejo
Segue no róseo areal entre loiras colinas.
No silêncio e na luz as promessas divinas
Pairam, miragens da água, em nacarado adejo.

Carpi, vozes de luto, harmónicas e finas!
A que, morta, é levada, inda ignorava o beijo.
Harpas, flautas, gemei, de insaciado desejo.
Danças, ritmai a dor das vozes argentinas!

Em amorosa noite embalsamada e ardente
Homem, ou Deus, não viu abrir-se estranhamente
Lódão do seu olhar sombreado de alcofor.

Preparava no Templo o Perfume sagrado.
Areal, não peses, não, no seio inviolado!
Sombra, deixa dormir a alma sem amor!

Lisboa, 1917

CLEÓPATRA

A Afonso de Dornelas

Eu *Sígnifer* da corte audaz dos Lusitanos!
Viu-me Cleópatra um dia em sua frente passar.
A Serpente do Nilo era na flor dos anos.
O mais airoso era eu na minha beira-mar.

— *Miles gloriosus!* — diz a Amiga dos Romanos.
— Vencei-me! — contestei. Nenhum sabe recuar
Dos meus, se ouve de Circe a voz meiga de enganos,
Se vêm à praia estiva as Sirenas cantar.

Era música, luz, e âmbar a nave
Em que ela me enlaçou toda a noite ardorosa.
Seu sexo embalsamava a noite nua e suave.

Deu-me por fim a morte a mão fina e enjoiada.
Não tremo ao lembrar o buir da punhalada,
Mas o espasmo de flor da Lágida amorosa.

Lahane, Julho de 1910

ÍNDICE

O SINAL DA SOMBRA

I

Os frisos do intercolúnio e as figurinas de argila

Eternidade	13
A esfinge	14
A súplica da múmia	15
O sortilégio da oficiante morta	16
A hieródula menina	17
Cleópatra	18
Belkiss	19
Festim de Cápua	20
Na acrópole de Panticapéon	21
A exaltação do coroplasta	22
No Bôro Búdur	23
A noviça	24
Kiriè Kaesar!	25
Petite créole	26
Angkor	27
Templos subterrâneos	28
Alcácer Quibir	29
Semnevixit•annis•xxiii•et•m•iiii•qinpace	30
Campestre	31
Dona Leonor	32

II
O mosaico de nácar

Rubayet	35
Nigra sum	37
A quadra de Ablá	38
O Cântico dos Cânticos	39

III
A árvore triste

Matinae et laudes	63
Launim	64
Canção parsana	65
Pundari	66
Bacawali	72

IV
Os estrimos de âmbar

Canção do mar malaio	85
Straits idyl	87
Canção javanesa	89
Dalaga	90
Pantum	92
Pantuns malaios	94
Doce sombra irada	96

V
Lacas douradas e verdes

Embaixatriz do Oriente	101
Nina Chai	103
Os dezoito tesouros	105
Paisagem	107
Líricas japonesas	108

VI
O espelho de Afrodite e a oferenda de rosas

Balada da primavera	117
Dolora	119
Milagre de Santo António	120
Noite de Santo António	122
Balada do eterno amor	124
Cigarrinhas beirãs	126
Revoada	128
Melodia do outono	129
Elegia da Rainha Santa	130
Águas de Abril	132
Edelweiss	133

Nunca mais	134
Despedidas do C. E. P.	135
Pantum das perlas e do amor	138
Cantar de amigo	139
Estanças	140
Epitalâmio das irmâzinhas	142
Canção de Iria, a coitada	143
Lágrimas	144
Tierras de la Virgen	145
Tisicazinha	147
Ruiva de Léopoldville	148
La complainte des trépassés	149
Aos quinze anos de Donazinha Margarida Y. de O.	150
As três moirinhas do amor	152
Fogueira de São João	154
O matiz dos olhos	164
Virgens fátuas	165
Menina e moça	166
Cantigas de mal-dizer	168
Quelques violettes	171
Sonho de primavera	172
Brasileirinhas de Paris	174
Christmas song	175
Kinder Lied	176
As comendadeiras amarelas	178
Revival	179
Voler di cuore	180
Singra o meu barco	181
A si mesmo	182
Fim	183

VII

A lâmpada votiva

Ante o céu austral	189
Reflorir	192
Elegia dos matalotes	193
Noite de crime	195
As vítimas	196
Ave-marias	197
Jardins da guerra	198
Requiem	199
Esparsas de um sonho morto	200
Aos soldados mortos	201
Sorella morte	202
Perhaps to dream... ..	204
Poslúdio	205
<i>Glossário de termos luso-orientais e estrangeiros</i>	207

CRISTAIS DA NEVE

Malwan	223
Auto da alma	224
Fábula de Narciso	268
Canção de embalar	269
Canção siamesa	271
A jarra quebrada	272
Inscrição por Miguel Ângelo na cartela da sua estátua <i>Noite</i>	273
O poema <i>If</i> de Rudyard Kipling	274
Por tempo morno	277
Campong-tchina	278
Nocturno indiano	279
Mote	280
Balada	281
Melancolias de criança	282
Endechas	283
Águia heráldica	285
Saudades	286
Postal em resposta	287
Outro bilhete-postal	288
Luso-africanas	289
Cântico de Trás-os-Montes	290
Canção simples	292
Estanças	294
A um Poeta novo	296
Ante o oceano Pacífico	298
Pecado original	300
Árvore de costado	301
Tricanas	302
Prece	303
Ao António Nobre	305
Inscrição funerária	306
À França	307
Bel Ver	308
Exílios	309
Solilóquio	310
A divina miragem	312
Pax-umbra	313
Aerumna	314
Humanus	315
Peregrinação	316
O ferrão das abelhas	317
El Sillon	323
Pequena elegia do fim da vida	324
Griolanda	326
Na vila	328
Bailata da moleirinha saloia	329
Canção das lágrimas	331

A uma netinha já tamanha	332
Desde o Pinhal dos Frades	333
Idílio estremenho	334
Legenda do rosmaninho e das anémonas	335
O futuro dilúvio	336
Monólogo da limitada esperança humana	337
Papéis velhos. Vozes amigas pelo meu caminho	338

ÚLTIMOS POEMAS

Aos pinhais de Portugal	347
Primavera	349
Doçarias do passado	350
Hesperus	351
Primeira gesta de Giraldo Giraldes sem Pavor	353
Mulheres da Vieira	355
Rememranças	357
Música	359
Canção da primavera	360
Confidências	361
Epigrama macabro	363
Festa da ascensão	364
Vórtice	365
Simbioses humanas	366
Um epitáfio de homem	367
Epigrama da resignação	368
Epigrama da lembrança de morte	369
Mors-amor	370
Mangualde	371
A antiga cicatriz	373
À Vénus de Milo	374
Fumo e cinza	375
Canção da noite das fadas	376
A canção do rio Lis e das flores do pinho	377
Grisaille	379
Pureza	381
Folhagens	382
Revival	383
Veranito de São Martinho	384
Inconsciência	385
Elegia das conchitas	386
A dança das horas	388
O mal de viver	389
Volatina do lusco-fusco	390
Semper eadem	392
Reflexões ante o espectáculo	393
Pomba mensageira	394
Saudades nossas	395

Quintilhas das parasitagens domésticas	396
Aspiração	397
Cum coelo aspicio	398
Canção do casalinho	399
Canção da saloiinha da carvoeira	400
A lição das fadas	402
Serões de antanho	404
Aguarela balabaresa	406
Eterno amor	407
In porta inferi	408
Ténue lumieira nas sombras e na distância	409
Elegia dos nossos mortos	412
A lição da vida	414
Rodrigo	415
Nocturno no vento e na chuva	417
Trova das almas sensitivas	419
Requiem	420
Canção da noite na estrada	421